

O cálice e o cálamo

*“[A obra] faz-se cúmplice daquilo que negligencia,
inimiga daquilo que abandona, e a sua indiferença
mistura-se hipocritamente à paixão de todos.”
M. Blanchot – A literatura e o direito à morte*

O jornal encomendara-lhe há uma semana uma crítica ao livro “Notas de um cabrão bem-intencionado”, de Rodrigo Miroto. O autor era desconhecido, sem obra publicada, mas a editora que publicava o livro era incensada regularmente no jornal em que ela trabalhava. Manuel, o experiente editor da secção de cultura, pedira-lhe que escrevesse em tom elogioso. Ela, há 3 meses no jornal e a recibos verdes, não sentia que pudesse contrariar aquela orientação: simplesmente não era o seu lugar fazê-lo.

O livro era acessível a quem não tivesse o hábito de ler, já que o tema, as conquistas amorosas de um capitão inválido do exército, alimentava as fantasias tanto dos homens como das mulheres. Como projeto autoral era à primeira vista um pastiche de um qualquer outro *Greg* com os pés na sarjeta; como visão do mundo sobressaía a obsessão com a libido como força motriz da história. Era suficientemente fechado e rotineiro para constituir uma leitura ligeira para o final de dia de quem chega a casa cansado do trabalho.

O autor confundia-se com a sua obra. Também Rodrigo era um capitão inválido do exército que relatava as suas conquistas sexuais para quem o quisesse ouvir nos cafés dos Anjos e do Cais do Sodré. Demonstrava desprezo pelas convenções sociais, mas para as substituir pelas *suas* convenções. Nos períodos refratários, era retratado a ouvir música erudita enquanto bebia e escrevia de tronco nu sentado à máquina na sala de um T1 renovado na Madragoa. Atascava-se na representação do escritor atormentado. O autor e a sua invenção eram românticos que desprezavam o romantismo.

Um artigo lisonjeiro, a cargo de Sílvia, catapultaria a sua reputação, e combinaria bem com as 4 estrelas que um crítico sénior, conselheiro cultural do Presidente da República, lhe daria numa lista de recomendações de leitura para o verão. A recomendação devia abrir o apetite para um texto de mais largo fôlego. Na semana seguinte, uma entrevista ao autor meteórico deveria ocupar as páginas centrais do suplemento cultural. Estávamos perante a fabricação de uma lenda, uma das várias lendas literárias daquela editora já forjadas pelo jornal *Mercúrio*.

A prática promíscua de promoção já fora posta a descoberto por um cronista do jornal *Almanaque*, mas isso não fizera estremecer as vendas nem beliscara a reputação dos envolvidos.

Ela não iria fazer uma avaliação moralista do livro. Não acreditava que a relação sexual heterossexual fosse uma extensão do domínio do patriarcado à cama. Não podia avaliar-se o comportamento sexual pelo mesmo prisma que os comportamentos sociais de outro tipo.

Não partira para aquele livro às cegas. A sua ruína crítica subterrânea era que este começava por aparecer no quintal dos fundos da sua prosa, como um ator sem papel. Um parágrafo começava: estou à janela. Adicionava camadas à sua representação: não chove. O lenhador assobia enquanto corta a madeira, as crianças esquiavam no gelo. O lenhador pensa no peixe que assará no fogo... e apenas se chegava a ouvir a sua voz quando já se julgava que a

experiência poética o tivesse remetido para o lugar de substância universal passiva e abstrata. Aí, Rodrigo emergia violentamente e dizia ou fazia qualquer coisa com o intuito de chocar ou de agredir.

Sílvia já se cruzara com Rodrigo num evento musical no teatro A Tenda. Nessa ocasião, vira-o arrastar uma das suas conquistas meio embriagada escadaria abaixo. Não pudera deixar de notar semelhanças entre a estrutura dos parágrafos do texto e o comportamento do autor, e de elaborar a constatação forense de que era a visão da sua passividade e nulidade que eliciava o horror da perda de individualidade, e a sua violência.

A primeira reação, quase reflexa, que *as notas* lhe provocaram fora uma familiaridade com a morte-perigo, qualquer coisa que ela imaginava que só os animais ou alguém efetivamente ameaçado de morte podia sentir dessa forma vívida. O que especificamente lhe provocara aquele sentimento fora o modo como o personagem principal se referia ao jogo da sedução como uma caçada. Tal não se tratava de um simples abuso de linguagem, um recurso estilístico de poeta, mas de uma convicção que contribuía para o programa daquele texto.

O personagem efetivamente relatava que uma quantidade certa de resistência, uma vaga falta de consentimento lhe davam um certo gozo, e que durante essas relações sexuais não consentidas, ele tinha também certo prazer em provocar dor.

Por um lado, Sílvia resistia a acusar o autor de beirar a violação, mesmo que tivesse a liberdade para o fazer. Por outro lado, quem poderia negar que as personagens do livro de Rodrigo eram visadas por serem mulheres? Quem poderia negar que havia uma continuidade entre a atitude ficcional de Rodrigo, o personagem ficcional das Notas, e o comportamento do autor Rodrigo Miroto? E que essa continuidade normalizava a violência contra aquelas mulheres e nelas, contra as outras?

Sílvia estava numa posição frágil dentro da organização, não apenas em termos de antiguidade, mas também porque era mulher, o que significava que para além da articulação ao expor o problema, teria também que ter um cuidado extremo para não ferir as suscetibilidades dos homens da redação, nomeadamente do editor.

Apesar das reservas que lhe suscitava o tema, deveria escrever louvaminhas ao patético émulo do escritor alcoólico e manter mudas as suas reservas.

Em vez de ver um vilão em Rodrigo, o personagem, Sílvia via um herói de adolescência de alguém. Em vez de um mau homem em Rodrigo, o autor, ela via alguém para quem o sexo não era intimidade e comunicação, mas um campo de coleção e conquista. Apesar de tudo, também não subscrevia a visão contrária, piedosa: não tinha pena do autor.

Sabia que na sua prática artística Rodrigo caíra numa armadilha. Para além de confundir a sua vida com a do seu personagem, ele buscava na escrita a reparação para a infração que a existência opera. Também buscava, na coleção de memórias da pequena morte, apropriar-se da tensão originária da criação, representada pela pulsão sexual. Seria incapaz de aceder a uma atitude verdadeiramente artística de renúncia. Se continuasse a escrever nos mesmos moldes, iria com o decorrer do tempo apropriar-se de réplicas cada vez mais diluídas da experiência originária que buscava. Rodrigo cria na sua representação, e isso tornava aquele livro uma produção religiosa e não artística.

Existir era para ele uma injúria de que era preciso obter uma compensação. A sua vingança, a sua ablução face ao mundo era a construção de um universo próprio em que ele era o triunfo encarnado, a imunidade plena.

Sílvia compreendia parcialmente aquele expediente de Rodrigo, e por isso o identificava tão bem. No seu caso, as preocupações da justiça social enlaçavam-se por vezes com as intenções artísticas, e por isso, às vezes, nos textos que escrevia pretendia resolver a questão da ação no âmbito da arte. Se lhe dessem um escape, também Sílvia daria lugar a um irrestrito e desmesurado desejo - ao terror - e daria testemunho disso na forma poética.

Nenhuma destas considerações poderia ocupar o seu espaço no jornal. Escreveria um texto em que recapitulava o livro, tecia considerações breves sobre elementos da poética do autor, a sua novidade e engenhosidade. Exageraria sobre estarmos na presença de um acontecimento inesperado e fulgurante e passaria relutantemente um pano sobre o alvo da violência do autor serem as mulheres.

Os textos que lhe encomendavam, não gostava de os escrever, mas era na pura repetição que aqueles exercícios de crítica jornalística lhe exigiam, que poderia talvez emergir o inteiramente novo, como uma contradição radical. Encontrara formas de produzir textos coerentes e perfeitamente elogiosos, e ao produzir esses textos tautológicos demonstrar que a forma da crítica literária não se adequava ao seu conteúdo. Quando dizia o livro, dizia todos os livros, e ao dizer todos os livros, como queria não dizer o que dizia acerca de todos, a forma da linguagem traía a sua intenção literal.

Na manhã seguinte, teve oportunidade de ver Manuel para receber a designação para o suplemento da semana seguinte. No final da reunião, falou com o editor, que passava os olhos pela folha em que registara as tarefas de cada elemento da redação, e partilhou a ambiguidade que lhe tinha suscitado escrever uma resenha elogiosa sobre um homem que maltrata as mulheres. Manuel levantou os olhos, arregalando-os, e os seus lábios abriram, fazendo as bochechas espaçarem-se num sorriso. As hastes douradas dos seus óculos luziam como pequenas lamparinas orientais por cima dos olhos:

- Os livros, Sílvia, são uma mercadoria como outra qualquer. Queremo-los frescos como o peixe, extravagantes como o caviar, cheirosos como um cangote. Não dá para meter na cabeça tudo o que traz um livro, por isso mais vale que guardemos deles apenas impressões vagas e felizes, como das outras coisas que vamos visitando ao longo da vida.

A ideia de que as memórias obedecem a uma hierarquia em que as mais importantes são as mais apaziguadoras, como se fôssemos turistas na nossa própria casa era aviltante.

No copo de que Sílvia bebia, cabiam todas as fúrias e todos os escárnios. Manuel, pensou ela rapidamente, aparentava ser um fóssil de Pompeia, feliz e prematuramente incinerado. O circo de promoção de livros no jornal era agora imprescindível, como se tornam todas as comodidades. Aquele era o preço de entrada do jornal num século pós-impressão, uma consequência do avanço técnico e um passo decisivo na adaptação da organização ao ritmo de produção livreira. O editor era apenas um intérprete daquele mecanismo. A comunidade dos leitores era agora um distante eco de uma época em que o crítico se sentava numa cadeira de braços e moldava o gosto.

O luto de uma crítica pura, límpida trabalhava ainda dentro de si, e isso impelia-a à ação. O personagem do crítico estava, onde não totalmente extinto, reduzido ao papel de publicitário, e Sílvia, para quem aquele emprego era um pé na porta, tinha visto demasiados documentários sobre decrescimento e ecologia para se conformar servilmente ao papel de promotora de uma biblioteca balofa.

Em suma, a *precária colaboradora do jornal* acumulava nessas três palavras a explicação da sua impotência: não tinha suficiente segurança no emprego para poder ser levada a sério, era mulher e isso significava não só que estava em risco como visada por personagens como Rodrigo, mas também que quando questionava ou partilhava reservas ou dava a sua opinião, havia sempre algum homem disponível para contribuir com a sua condescendência, desvalorizando a sua experiência. Por fim, havia a relação eminentemente económica entre o jornal e editoras, uma relação que pode ser justificada com base em princípios biologicamente emprestados de sobrevivência e de adaptação ao meio, mas que colidiam de frente com os valores de Sílvia, pois inscreviam-se numa lógica de acumulação e de competição.

Não podia haver um vilão numa oposição simples entre bem e mal, pois não era o jornal o único responsável da precariedade, não eram os homens (e mulheres) da redação os únicos responsáveis pela desvalorização de certas experiências, e não eram os donos do jornal nem o editor, nem tão-só o editor de cultura ou até os donos da editora que eram responsáveis pela relação de promoção mútua, não, pois as decisões desses atores não foram inteiramente livres, pois não foram livremente determinadas. As relações ultrapassam os indivíduos como alguma coisa que os precede, e que eles não sabem questionar, e é isso que é a estrutura.

A bonomia e oca convivialidade do editor atavam com força o nó górdio em que aquele jornal se via. Mas afinal, se ficasse alguém no escritório para o ver, a sua expressão facial seria de um largo, aparentemente banal e inócuo sorriso.

Sadya Hamsa